



ABUNDÂNCIA NA PRODUÇÃO E NO DESPÉRDÍCIO

Dentre as inúmeras manifestações da pobreza, a fome permanece assolando vidas em praticamente todas as regiões do planeta, enquanto as causas desse fenômeno estão associadas à ineficiência da produção e o consequente desequilíbrio entre o rendimento agrícola e o número de consumidores dos alimentos produzidos.

É evidente que a fome não se relaciona apenas com o índice de desenvolvimento da produção, mas também com os contextos político, econômico, social e ambiental, os quais influenciam, a partir de diversos fatores, a capacidade de acesso da população.

Amartya Sen, economista indiano e ganhador do Prêmio Nobel de Ciências Econômicas (1998), desenvolveu uma pesquisa que propôs uma visão multidimensional sobre a pobreza, descartando a perspectiva unidimensional que outros estudiosos defendiam. O ponto central e mais expressivo de seu estudo foi a abordagem das capacidades.

A partir de sua teoria, nota-se que é possível estudar a pobreza de maneira sistêmica, introduzindo outras dimensões além da monetária. Logo, a pobreza deve ser compreendida como a privação de capacidades básicas, ou seja, um indivíduo pode ser considerado pobre quando ele se encontra privado de uma adequada nutrição, do direito à educação e à saúde, dentre outros fatores.

Ao ler o estudo de Amartya Sen - *Poverty and Famines: an essay on entitlement and deprivation* - percebe-se a sua elevada preo-

cupação com o problema da fome. Segundo o autor, para interpretar a pobreza é essencial considerar a natureza dos modos de produção, as bases das classes econômicas e as suas inter-relações, por meio do conceito de "Intitulação".

Os intitamentos relacionam-se à um complexo de *commodities* alternativas que um indivíduo pode gerenciar na sociedade usando a totalidade dos seus direitos e oportunidades. Nessa concepção, a fome é o produto da incapacidade de se obter os tais "intitamentos".

Ao tratar dessa teoria, Ana Luiza Machado de Codes - especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental e autora de *A Trajetória do Pensamento Científico sobre a*

Pobreza: Em Direção a uma Visão Complexa, 2008 - pontua que o argumento de Sen sobre o acesso a alimentos e bens por parte de alguns grupos da população, é função dependente de uma série de fatores legais e econômicos.

Segundo a pesquisadora, o autor entende que a disponibilidade de um bem em um dado espaço, não garante que certos grupos de indivíduos reúnam capacidade para adquiri-lo por meio de mecanismos como a produção própria, a criação de empregos, sistemas de preços e constituição de reservas públicas. Ressalta, inclusive, que não é a escassez de bens que gera a miséria e a fome, mas a incapacidade de obtê-los.

Retrocendo à Alta Idade Média, as crises alimentares eram atribuídas à baixa produtividade oriunda de uma produção rural rudimentar, e embora a quantidade e a qualidade do aparato técnico tenham também relação com o rendimento agrícola, essas não constituíam a única causa da fome. Naquela época, havia lugares onde a produção e a produtividade eram superlativas, embora nas mesmas áreas, viviam pessoas que padeciam subnutridas.

ORA, COMO SE EXPLICA ESSE PARADOXO? O problema real, ao que parece, não era a produção ineficiente, mas sim o acesso aos alimentos, tal qual presenciamos atualmente, ou ainda, as crises famélicas do período medieval eram produto da incapacidade de se obter *intitamentos*.

Elementos como a divisão social, nos quais grupos mais abastados concentravam mais alimentos do que

**O RANKING
GLOBAL DOS QUASE
900 MILHÕES
DE FAMINTOS,
CONTRAPÕE-SE
À MARCA DE
1,6 BILHÃO DE
TONELADAS
DE GÊNEROS
COMESTÍVEIS
PERDIDOS E
HIPOTETICAMENTE
SUFICIENTES
PARA ALIMENTAR
DOIS BILHÕES DE
PESSOAS**



Ariovaldo Zani
médico veterinário,
professor do
MBA/PECEGE/
ESALQ/USP

Gabriel Zani
FFLCH/USP

os mais carentes, podem ser relacionados aos motivos porque boa parte da população não tinha acesso aos gêneros alimentícios ou itens garantidores de sua sobrevivência.

Retomando o cenário contemporâneo, a Food and Agriculture Organization (FAO, Roma/Itália) estima que a cada ano, cerca de um terço dos alimentos produzidos é perdido, notadamente nos países em desenvolvimento (1,3 bilhão de toneladas ou US\$ 680 bilhões), durante a manipulação pós-colheita, processamento e armazenamento, enquanto o desperdício apurado na distribuição e consumo concentra-se nas regiões de elevada renda *per capita* do planeta (300 milhões de toneladas ou US\$ 310 bilhões), por causa dos excessivos padrões de qualidade que supervalorizam a aparência e outros atributos físicos, do abreviado prazo de validade, e do comportamento perdulário do consumidor na preparação de porções exageradas, cujas sobras são jogadas no lixo.

É importante salientar que o *ranking* global dos quase 900 milhões de famintos, contrapõe-se à marca de 1,6 bilhão de toneladas de gêneros comestíveis ou quase US\$ 1 trilhão perdidas e hipoteticamente suficientes para alimentar dois bilhões de pessoas. Esse fenômeno paradoxal teima desafiar a segurança alimentar e comprometer os esforços para mitigação dos impactos ambientais e a diminuição da mobilização dos recursos disponíveis.

Por sua vez, o amplo reconhecimento das principais implicações ambientais oriundas da produção dos alimentos, estimulou o órgão das Nações Unidas publicar no ano passado o estudo "*Food Wastage Footprint*", cujos resultados permitiram estimar os impactos do desperdício, fenômeno responsável pela emissão anual de mais de 3 bilhões de toneladas de gases de efeito-estufa (atrás apenas das emissões totais de CO₂-equivalente das duas principais potências econômi-

cas globais), consumo de 250 bilhões de m³ de água (quase quatro vezes o consumo total das famílias que vivem nos Estados Unidos) e mobilização de 1,4 bilhão de hectares (quase 30% de toda terra cultivável do planeta).

Igualmente, a demanda contínua e crescente por alimentos até 2050, baseada principalmente na evolução demográfica (2,5 milhões de pessoas até 2050, US Census Bureau) e de renda na Ásia e na África (US\$ 25 trilhões de 2000 até 2030, IHS Global Insights), deflagrou em janeiro de 2013 a campanha "*Think-Eat-Save: Reduce your feedprint*", promovida pela FAO em conjunto com o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente/PNUMA.

O *slogan* sugestivo incentiva a redução do desperdício e objetiva aliviar a pressão sobre os já escassos recursos naturais, além de servir de alerta em prol da importância de modular eficientemente a produção e a distribuição dos alimentos. ■